

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI-RIO
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS - CCH
ESCOLA DE EDUCAÇÃO - EE
CURSO: PEDAGOGIA
DISCIPLINA: SEM. MET. FIL. DA EDUCAÇÃO II
PROF^ª.: FÁTIMA BAYNA

" SEXUALIDADE, UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA NO ENSINO DE 1º GRAU? "

APRESENTADA POR:
CRISTIANE CARVALHO MARIANO

RIO DE JANEIRO, 2º SEMESTRE DE 1997.

SUMÁRIO

	p.
1 INTRODUÇÃO	13
2 MUDANÇAS BIOPSICO-FISIOLOGICAS NA ADOLESCÊNCIA ...	15
3 A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DE FRANÇOISE DOLTO ...	19
3.1 <i>Uma visão renovada da sexualidade e da noção de libido</i>	19
3.2 <i>Sexo e universo de valores</i>	20
4 LIBERDADE SEXUAL FEMININA E GRAVIDEZ INDESEJADA ..	23
4.1 <i>Liberdade sexual feminina</i>	23
4.2 <i>Gravidez indesejada</i>	27
5 A FAMÍLIA FRENTE À DESCOBERTA DA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE E O PODER DA ESCOLA	32
6 CONCLUSÃO	37
ANEXO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa enfatizar a necessidade de uma abordagem pedagógica sobre sexualidade no ensino de 1º Grau.

Cabe, de início, esclarecer que a puberdade é a fase da vida em que ocorrem, normalmente, as transformações no corpo do homem: o crescimento, desenvolvimento e maturação. A sexualidade, nessa fase, é aflorada. Há um questionamento sobre o que é certo ou errado, no desenvolvimento sexual normal, por que é proibido? Por que deve ser evitado?... Enfim, os porquês são muitos e normalmente não há quem responda a eles. Os pais não são preparados para elucidar as dúvidas, algumas vezes eles também as têm; não raro se furtam a prestar a necessária orientação. Os professores "não devem" se aprofundar, deve dar noções de anatomia, dentro dos estudos das ciências físico-biológicas. Os amigos têm as mesmas dúvidas ou às vezes conhecimentos próprios, experiências distorcidas, que em certas situações não conseguem respostas.

A quem caberiam essas respostas, orientações e informações? À família? À escola?

Acreditamos que a instituição escola tenha condições de trabalhar com essas orientações junto aos alunos e pais, tentando informar aos dois grupos, visando a um melhor relacionamento familiar.

Feito esse diagnóstico, cumpre frisar que este estudo se propõe a identificar os fundamentos da educação sexual no âmbito da escola de 1º grau, tomando como ponto de partida uma compreensão filosófica da sexualidade e a

visão do crescimento/desenvolvimento do homem, suas necessidades fisiológicas, psicológicas e maturação.

Justificativas

Face ao grande número de adolescentes grávidas (estudantes de 1º e 2º graus) e a um considerável aumento de doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes, segundo o Informe Epidemiológico em Saúde Coletiva da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (Ano III, nº 7 - Saúde em Foco), resolvemos abordar o tema, na tentativa de demonstrar a relevância da atuação do educador na formação do indivíduo como um todo e em particular no processo de tomada de consciência do papel fundamental representado pela sexualidade. Compete ao educador, no nível do trabalho de orientação (e não apenas nesse domínio), contribuir para um desenvolvimento normal do indivíduo, preparando-o para o convívio em sociedade/comunidade, sem medos, tabus, preconceitos, vergonhas, conhecendo a realidade e prevenindo-se contra os preconceitos, as diversas patologias, a gravidez indesejada e outras situações problema.

2 MUDANÇAS BIOPSICO-FISIOLOGICAS NA ADOLESCÊNCIA

"Um evento, de natureza biológica, constitui o início da maturidade sexual e dos acontecimentos psicológicos que Erikson (1956) chama de 'crise da adolescência'."
(Deutsch, 1977:29)

O ego da personalidade adolescente tem grande necessidade de apoio, neste período. É importante tarefa a luta para sintetizar as identificações da infância à proporção que elas se tornam enriquecidas e mais desenvolvidas pelas novas identificações. O resultado final — bem sucedido será a formação de uma personalidade sólida, com sentimento subjetivo de identidade; que é confirmado e aceito como tal pela sociedade.

"Se a infância é a idade das mil e uma alegrias e surpresas, não é menos verdade que a adolescência é a idade das mil e uma dúvidas e contradições. Se a infância é um movimento, a adolescência é uma revolução"
(Rodrigues, 1976:107)

A puberdade antecede a adolescência que se constitui fase terminal do crescimento e é de natureza predominantemente biossocial.

Inicia-se por mudanças biofisiológicas perceptíveis (11 - 12 anos para as meninas e 12 - 13 anos para os meninos) e seu final é demarcado por profundas mudanças psicoss-

sociais.

Logo no início do período, as transformações biológicas ocorridas, interna e externamente, dão ao indivíduo uma nova dimensão: a da sexualidade, até então inativa.

Os caracteres sexuais primários e secundários apresentam-se em idades distintas em mulheres e homens. Nas meninas, que são mais precoces, o desenvolvimento dos seios é um dos primeiros indícios que afirmam o começo da maturação sexual. Logo aparece o pêlo pubiano e, entre este e o axilar, geralmente se instala a menstruação. No menino, ao contrário, o primeiro caráter sexual secundário é o pêlo pubiano, uma vez que haja começado a aumentar o tamanho dos órgãos genitais. Logo aparece o pêlo axilar e o facial.

As meninas não mudam de voz, como os meninos, essa mudança se processa quando já começaram as modificações corporais, em especial o aumento de tamanho dos órgãos genitais, e não ao começo da puberdade.

Supõe-se que o começo da menstruação é um princípio de maturidade física, nas meninas.

Durante a puberdade, os órgãos genitais perdem a inatividade peculiar da infância e todo o aparato endócrino passa a funcionar no sentido de concluir o desenvolvimento e ativar o aparelho reprodutor.

As transformações sexuais, unidas às mudanças da estatura, peso, crescimento neural e ósseo, proporção corporal e coordenação motora, alteram profundamente a autoimagem do adolescente e produzem mudanças notáveis nas atitudes dele consigo mesmo e nas atitudes dos outros para com ele.

"A saúde, a nutrição e o nível de inteligência também estão intrinsecamente ligados à maturação sexual. Crianças de inteligência superior amadurecem mais cedo do que crianças de inteligências média ou inferior"
(Terman, Rodrigues, 1976:112)

"Parecem ser o funcionamento homeostático das glândulas endócrinas o fator mais importante na gênese das mudanças puberais e no amadurecimento sexual. É indispensável lembrar que os processos fisiológicos estão intimamente ligados às transformações psíquicas e que, tanto uns quanto os outros, conduzem-se mutuamente como partes de um processo total."

(Spranger, Rodrigues, 1976:112)

O adolescente, deslumbrado com a própria identidade, da qual adquiriu, agora, plena consciência, luta com paixão pela autonomia pessoal. Ele já não quer ser mais o menininho ou menininha da casa, ele aspira ser apenas uma das partes da família, separado, independente, responsável e dono único da própria vida.

Fora do lar, ele luta pelo direito de ser ele próprio, aparecem os interesses vocacionais, o desejo de trabalhar e prover a própria existência.

Desejosos de conquistar o seu lugar no mundo, ele se interroga sobre as origens e o destino da humanidade. A existência da divindade ou de uma força cósmica que determine os destinos do homem e do universo, é discutida com tenacidade, temor e sofrimento. Também o são os problemas sociais, o amor, a justiça, a morte, a vida e a imortalidade.

Nessa época, os valores introjetados durante a infância são questionados com agressividade e avidez. Para tudo, o adolescente busca explicações e nem sempre são satisfeitas, ele empreende a criação de uma nova escala de valores: sua, egocêntrica, pessoal, idealista, para servir aos seus interesses e concretizar seus gigantescos sonhos, a maioria de dimensões sociais.

De repente, da noite para o dia, o adolescente formula amplos sistemas "ideológicos" e complexos planos para

a reforma instantânea do homem, da sociedade, do universo e até mesmo de Deus.

Ele se revolta diante das estruturas sociais estabelecidas e acredita que, coletivamente, tudo se pode transformar com rapidez e eficiência.

3 A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DE FRANÇOISE DOLTO

3.1 *Uma visão renovada da sexualidade e da noção de libido*

A sexualidade decorre do inconsciente, e a libido se refere ao inconsciente. A libido é definida como energia inconsciente subjacente ao desenvolvimento do homem e capaz de impregná-lo. É dinâmica e criadora, nem masculina nem feminina, ela é atrativa no feminino e emissiva no masculino:

"A energia emissiva da menina é uma energia à espreita sedutora de quem possa dar-lhe algo com que dar frutos, e a energia emissiva do menino está na conquista de alguém que o admire, para se completar com sua presença e, através do casal, gerar sua descendência "

(F. Dolto. Entrevista em Le Journal des Psycholoques, nº 58, Junho de 1988, p.8)

A libido é sempre ativa. Não é realmente exato estabelecer a equação passividade-feminilidade e atividade-masculinidade, de vez que as duas formas de pulsões existem nos dois sexos.

F. Dolto identifica a libido desde a origem da vida e a vincula indissociavelmente à relação com o outro.

A sexualidade é o indivíduo na espécie, está do lado do esquema corporal. A libido está na imagem do corpo;

é organizada pela busca de um encontro com um outro psiquismo.

3.2 *Sexo e universo de valores*

A primeira relação sexual é importante e pode criar traumas, principalmente, nas mulheres, uma vez que há uma supervalorização do sexo masculino, uma expectativa mágica.

O fracasso erótico dos primeiros relacionamentos pode ser fonte de conflitos neuróticos.

Françoise Dolto, não concorda com o casamento feito às pressas, unicamente ligado a uma gravidez acidental. Ela considera importante a legitimação do filho para o super eu genital e o ideal de eu dos dois parceiros, bem como o reconhecimento das responsabilidades mútuas de deveres e assistência. Mas, ela condena a união forçada, catastrófica para a saúde mental dos três, considera uma reunião que ratifica o descaso inicial com um segundo erro, consciente e alienante. Nunca se deve arriscar a procriação antes de ter acesso à autonomia financeira, antes de uma satisfação comum e antes de se atingir a idade do desejo de dar origem a um terceiro ser.

A maternidade é, para a sexualidade feminina, uma situação de resolução dos resíduos emocionais edipianos.

Com a maternidade, consuma-se a transformação da libido pós-edipiana em libido genital verdadeira, e a libido narcísica da mulher se descentra para investir no filho.

"O amor não se reduz à sexualidade. F. Dolto caracteriza especificamente a sexuali-

*dade humana como uma busca de comunicação
inter psíquica por intermédio do corpo "*
(Ledoux, 1991:102)

É inquietante para os homens, a sexualidade das mulheres, por que não é visível e é variada, diferente, desconhecida. No homem, o organismo se produz no lugar do prazer ejaculatório. Mas, se o organismo é idêntico (ele é fisiológico), o gozo nem sempre é o mesmo (ele é psicológico, dinâmico).

Para a mulher, as relações sexuais não são uma banalidade sabida, o corpo sem o coração-a-coração não tem sentido. A dialética sexual só é possível quando se formulam referenciais ético e estéticos. *"Que, de outro modo, ficam ausentes, já que seu sexo é invisível."* (Sexualité Féminine, Scarabée / A. M. Métaillié, 1982, p. 154).

O desejo de conceber é uma fantasia sempre presente no inconsciente da mulher quando ela goza.

Françoise Dolto se pronunciou, antes da legislação, a favor de uma certa liberalização do aborto, pois tratava-se, antes de mais nada, de avaliar o sentido da gravidez.

O aborto não deveria ser nem penalizado, nem legalizado — banalizado. Não se legaliza um equívoco, um acidente; faz-se frente a ele, dizia Dolto.

"Não haveria um certo descaso em deixar as coisas correrem, no caso de uma mulher grávida que se sabe incapaz de assumir um filho indesejado? O filho renegado desde o início corre o risco de ser um órfão simbólico, uma esponja viva de negativismo e angústia. A mãe só é mãe numa esperança conjunta "

(Ledoux, 1991:106)

Para Françoise Dolto, havia realmente no aborto a interrupção de uma vida futura. Mas, ela considerava que era mais importante um corpo não nascer, se estivesse marcado pelo desejo de morte, de não-vida, de desamor, de não-apelo à existência, porque sua ética inconsciente se formaria de indiferença e ódio.

Dar a vida carnal, em certas condições de rejeição, não é preservar a vida, e sim deixar que um "prisioneiro relegado" venha a viver.

Segundo F. Dolto:

"O aborto é sempre uma decisão grave e difícil; não há erro, nem virtude, nem coragem, nem covardia no fato de se desejar abortar, como também não os há no fato de se querer dar continuidade a uma gravidez. Mas não se trata de um apagamento ou de um acidente de percurso. Uma vez feito o aborto, é preciso integrá-lo, para que o sacrifício de uma vida potencial sirva aos pais em questão"
(Ledoux, 1991:108)

4 LIBERDADE SEXUAL FEMININA E GRAVIDEZ INDESEJADA

"...Quando os meninos e meninas atingem uma idade em que vivenciam sua própria sexualidade se desenvolvendo, eles também vivenciam uma crise nas suas relações com os adultos, definida na teoria psicanalítica como situação edipiana, adaptada do mito grego de Édipo, que matou seu pai casando-se com a mãe."

(Mead, 1971:96)

Este é o período de desenvolvimento das crianças, quando elas são capazes de sentimentos intensos e de capacidade para o prazer, mas sem o amadurecimento dos adultos.

4.1 Liberdade sexual feminina

Os pais aparentemente não têm consciência de que, ao darem liberdade e independência aos filhos, os estão expulsando num período em que essas crianças ainda necessitam de orientação e proteção parentais.

Segundo Deutsch, a experiência parece provar que, para a juventude em crescimento, suas tentativas de alcançar a liberdade, juntamente com seu protesto agressivo

contra a autoridade, deveriam primeiramente começar em casa e só mais tarde serem empreendidas no campo maior que é agora a arena da "revolução" adolescente. Isto é particularmente válido quanto às moças e sua denominada "liberdade sexual".

Os adolescentes abandonam o amor romântico sentimental, como se fosse apenas uma "coisa" velha, usada. Eles estão envolvidos em "brincadeiras sexuais" intensas. O proibido não é desempenhado como ação individual, mas, é considerado para uma "mudança da sociedade", uma "nova geração", um "mundo melhor". Devemos compreender os adolescentes e sua "nova forma de vida", pois eles consideram que a verdade está arraigada na natureza humana, isenta da hipocrisia que marcou a vida dos seus predecessores.

Essas novas tendências dão ênfase à liberdade sexual feminina, a nova moralidade não só admite o direito à liberdade sexual feminina, como também faz da utilização dessa liberdade uma espécie de obrigação. Consideramos que o ideal do ego da adolescente é em grande parte baseado no da mãe (a mãe ideal, não a sexualmente desvalorizada) compreende-se o quanto é profundamente arraigada a atitude básica das adolescentes para com a castidade. Sendo assim, a transgressão dos limites sexuais dessas jovens, dificilmente é liberdade sexual real, suas reações de culpa na verdade são muito fortes.

"Considero as moças que estão prematuramente envolvidas em "amor livre" não como as vencedoras, mas como as vítimas da sociedade adolescente rebelde. Muitas delas ainda estão envolvidas em suas primeiras relações com amiguinhas. Elas "brincam", como se diz, com rapazes — mas estão de olho nas moças e sua atividade heterossexual na realidade mostra muito pouca participação interior"
(Deutsch, 1971:93)

Apesar de demonstrarem, as adolescentes, através da dança e gestos eróticos, não podemos deixar de observar a falta de qualquer relação objetal em seu desempenho. O parceiro não passa de um ponto de referência.

As adolescentes podem estar sexualmente envolvidas com rapazes mas não necessariamente, sua feminilidade estão desenvolvidas. Sua atividade normalmente mostra um aumento marcante de satisfação oral: fumar, beber, usar drogas, podendo levar a destruição.

A busca das drogas para uma satisfação sexual demasiado repetida e demasiado fácil, não traz qualquer preenchimento emocional real.

Os adolescentes mostram uma aparência infeliz. Seu triunfo não é o de uma juventude vitoriosa, mas de gente jovem cheia de ódio e ressentida que, apesar de ter aspirações de realização e de progresso, sofrem de privação emocional.

"Creio que a "falta" de qualquer participação emocional mais profunda — de anseio e desejo, de dor e alegria, de esperança e desespero — bem como desta exaltação do objeto cobiçado, constitui um desastre psicológico "

(Deutsch, 1971:95)

A falta de emocional, do sentimento, leva os adolescentes a busca de outras compensações, que na maioria das vezes são prejudiciais.

"A restituição da capacidade de amar, através da correção da tendência adquirida de separar o amor da satisfação puramente sexual, pode ocorrer mais tarde, e mais facilmente nas moças do que nos rapazes "

(Deutsch, 1971:96)

Uma identificação favorável, o apaixonar-se, nas adolescentes, pode trazer uma recuperação com relação aos elementos deficientes do processo de maturação da adolescente. E normalmente há a preciosa riqueza da maternidade potencial em todo o ser feminino.

Os pais, são normalmente vítimas de ataques criticamente hostis.

Muitos pais, principalmente as mães, têm forte desejo de serem modernos, se tornam toleráveis, abrem mão da autoridade de pais e chegam até a colaborar nas atividades rebeldes dos filhos. Os jovens são soltos para a liberdade, com a colaboração dos pais.

Os pais, não tendo sido bem sucedidos na própria revolução adolescente, às vezes transferem para os filhos sua identificação através da vitória dos mesmos. Observa-se, em todas as camadas sociais a incerteza dos pais quanto ao que fazer. Apesar de toda rebeldia, os adolescentes na realidade estão muito inseguros de si mesmo e muitas vezes desesperadamente à procura de orientação.

"Especialmente nos problemas da sexualidade, os pais — mais frequentemente as mães — aceitam a rebelião sexual dos filhos, não como resultado da sua própria convicção interior, mas devido ao constrangimento e a incerteza quanto ao que é certo e o que é errado no comportamento sexual, ou quanto ao que é apenas confusão e rebeldia na geração mais jovem e o que tem em si as sementes do progresso real."

(Deutsch, 1971:97)

Com a finalidade de ser moderna, de compreender sua filha, de participar no progresso social por consentimento, a mãe algumas vezes força e dirige a filha para atividades nas quais ela por si só jamais realizaria.

As mães em algumas vezes, transferem para as filhas

suas expectativas narcisistas, podendo ser para a mãe a satisfação própria e para a filha uma angustiante experiência.

Os pais apresentam preocupações com a homossexualidade, e algumas vezes, preferem para as filhas os perigos da heterossexualidade.

"Infelizmente, as confusões e as ações impulsivas da adolescência inicial, juntamente com a sua atitude rebeldê para com as restrições, muitas vezes têm levado essas moças a complicações trágicas antes que seu processo de amadurecimento pudesse dotá-las de defesas adequadas. É verdade que elas se tornam mães cedo — no sentido fisiológico de maternidade. Mas, ah!, a menstruação, não as tornam mulheres mais cedo, e daí à luz uma criança não as transforma agora em mães "
(Deutsch, 1971:98)

4.2 Gravidez indesejada

"A catástrofe social e pessoal da maternidade ilegítima por parte de moças muito jovens está aumentando rapidamente. As estatísticas que eram válidas ontem talvez já estejam ultrapassadas hoje. Não há muito, essas garotas eram consideradas como produto da evasão escolar;..."
(Deutsch, 1971:98)

"Contudo, os relatórios sobre outros evadidos escolares" são mais sinistros. Houve vários relatórios um

dos quais, o de Connecticut, foi o primeiro a provocar alarme no país. Segundo essa estimativa, uma em cada sete moças entre treze e dezoito anos de idade, em Connecticut, era vítima de gravidez em solteira. Mas tarde veio o relatório de um ginásio de Springfield, Massachusetts: "Cinquenta e duas moças abandonaram os estudos no ano passado por estarem grávidas." Desde então, a informação tornada pública indica que a gravidez em colegias está aumentando; seu número não pode ser mais contato em dezenas, e sim em centenas e mesmo milhares.

Embora essas estatísticas refiram-se apenas à gravidez, o número de escolares que já deram à luz uma criança é espantoso. Muitas dessas moças vêm de famílias conservadoras e honradas; como resultado, elas muitas vezes não estão incluídas nesses relatórios porque deixaram a escola "por motivo de saúde" (Deutsch, 1977:99).

Segundo Deutsch, o problema enfrentado pelas escolas não é de base individual mas sim de massa. E considera que sua intervenção não pode se limitar a problemas de prevenção, mas deve incluir planos para o cuidado e a educação ulterior dessas jovens grávidas.

Considera também que na maioria dos casos, a maternidade tem um caráter definitivo desde o início: o pai normalmente é um jovem que se envolve em atividades masturbatórias mútuas com a moça; depois são levados às relações sexuais. É difícil dizer quem é o real sedutor e quem é o seduzido. Não tomam quaisquer precauções — o que não tem absolutamente nada a ver com a falta de informações sexuais. Esta é uma incompreensão sobre a qual as autoridades não devem basear os futuros atos de prevenção. As instruções sexuais não são remédio, e tampouco as pílulas: a gravidez dessas moças é compulsivas e os atos compulsivos resistem a qualquer interferência neles.

A gravidez indesejada não é novidade, e é de conhecimento dos órgãos sociais que ela ocorre em adolescentes. A responsabilidade muitas vezes cabe ao ambiente social no qual surgiram certos conflitos emocionais. O bebê prova-

velmente era uma criança "edipiana", nascida sob a pressão de acontecimentos familiares. Em certos grupos da população, a ilegitimidade é hoje um acontecimento cotidiano. Na Índia Oriental, por exemplo, os bebês ilegítimos também são em grande número, eles são levados logo após nascerem para a avó; o pai muitas vezes não desempenha nenhum papel, além da fecundação. Essas crianças são culturalmente designadas a virem à luz pela filha e a serem de "propriedade" da avó e por esta educada. Em nossa cultura o pai é parte importante da situação e o papel da avó é reduzido ao de ficar com o bebê quando os pais o necessitam.

Quando chamamos a gravidez indesejada de precoce, podemos facilmente ver nelas as consequências diretas de atividades que expressam a nova liberdade sexual.

Porque a gravidez precoce acontece na atualidade como um fenômeno de massa? A resposta não é fornecida pela referência à "liberdade sexual" dos adolescentes de hoje, ela também está nos desenvolvimentos sociais. A sociedade, em suas atitudes progressistas para com a sexualidade e em suas ofertas de ajuda e compreensão, parece permitir fazer o que se considera como "não permitido".

Segundo Helene Deutsch, nem o esclarecimento e mesmo as pílulas possam impedir as catástrofes. Pois as compulsões são mais fortes do que qualquer abordagem realista. Ela, crê que nem todas as adolescentes estejam expostas aos efeitos da nova liberdade sexual, mas o número delas está muito maior, hoje em dia.

Deutsch, considera ter responsabilizado exclusivamente a sociedade pela maternidade na adolescência. O fato é que ela considera a sociedade apenas como um agent provocateur para certas forças profundamente arraigadas em ação durante esta fase específica da adolescência e entre indivíduos específicos que são geneticamente predispostos a essas reações. Não ignora, que essas moças adolescentes dão à sociedade certo papel que se adapta a todo o esquema do seu funcionamento individual.

"A "inocência" tem sido por vezes denominada, "ingenuidade biológica", na medida em que a adolescente alega desconhecer ou não toma em consideração seus conhecimentos da sexualidade e da reprodução ao iniciar vida sexual ativa. Essa "ingenuidade" — não obstante a presença de grande e real desconhecimento de fatos elementares do ciclo reprodutivo feminino, especialmente entre as adolescentes dos estratos pobres, o que examinarei posteriormente — aponta antes o não — sancionamento do intercurso sexual e para a proposta da virgindade como método contraceptivo. A especificidade reprodutora do corpo femenino torna-se uma ameaça voltada contra o exercício da sexualidade."

(Desser, 1993:51)

N

A autora Nanete Ávila Desser, conclui nos seus estudos, que as prescrições sexuais detalhadas, que giram em torno da ameaça de gravidez, podem ser relatadas, ao mesmo tempo em que a informante afirma não ter sido orientada. Essas declarações, expõem o conteúdo restritivo ao intercurso sexual do discurso, e às diferentes formas, como as prescrições familiares são comunicadas e percebidas pelas adolescentes. Variam de prescrições coercitivas, percebidas como "repressão", a prescrição persuasivas, percebidas como "orientação", "educação", "informação". Estes dois tipos de prescrições e percepções pode existir numa mesma família, com referência a um ou a diferentes aspectos da conduta adolescente. Normalmente, nas famílias dos estratos de classe média da zona sul predomina o segundo tipo. A maioria das informantes diz ter recebido "uma boa educação sexual" e assume a responsabilidade pela sua sexualidade. Nos estratos médios do subúrbio e nos estratos pobres os dois tipos de percepção do discurso familiar aparecem mais frequentemente associados: algumas adolescentes percebem-nos como "repressão" outras como "educação".

Para Desser, a relação com o parceiro é fundamental na opção pela maternidade ou desejo de abortar para a grande maioria das informantes. O aborto pode ser recorrido por adolescentes de todos os estratos, na medida em que o parceiro recusa-se a aceitar a paternidade e a adolescente não tem como perspectiva a maternidade sozinha, seja por entendê-la como um projeto a dois ou por ela representar um ônus do ponto de vista das expectativas pessoais com o qual a adolescente não pode ou não quer arcar.

A incerteza dos sentimentos experimentados em relação ao parceiro pode ser referida como causa do desejo de abortar por adolescentes tanto dos estratos médios quanto dos estratos operários, o que ressalta a importância que o "amor" vem de assumir como base do casamento. O comprometimento das expectativas e projetos adolescentes pode associar-se para ratificar o desejo de abortar, mesmo por adolescente cujos parceiros se dispõem a reconhecer a paternidade e o casamento, legal ou consensual, entre as adolescentes com menos de 16 anos dos estratos mais pobres parece frequente que gravidez acidental termine em maternidade também acidental, tanto por uma disponibilidade menor de informação e ou acesso aos meios de interrupção da gravidez ou desconhecimento do próprio processo de fecundação e gestação, quanto pelo fato da adolescente, tão próxima da infância, temer revelar a gravidez, quase como se o fato de não falar pudesse des-concretizar, interromper o processo. Percebida quando já avançada, torna-se difícil ou impossível a interrupção da gestação, ainda quando isso é desejado pela família ou pela adolescente.

5 A FAMÍLIA FRENTE À DESCOBERTA DA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE E O PODER DA ESCOLA

Segundo Groisman, a sexualidade pode tornar-se uma "Questão" ou uma "questão", dependendo do enfoque que se tenha em relação ao seu aparecimento e evolução. Crescimento e modificações corporais — pêlos pubianos, menstruação, esperma e ejaculação, crescimento dos seios — trazem todo um conjunto de novidades para o adolescente e sua família. O clima se modifica. Ele, que era considerado e se considerava uma criança, passa a ser visto a partir de um determinado momento como "agora ele é um rapazinho" ou "uma mocinha". Esta sobrecarga pesa, como todo início de uma nova fase da vida. Com a agravante de que se trata de uma personalidade em formação, de quem, ao mesmo tempo, se aguarda uma série de novas atitudes, não só no campo da sexualidade, como nos do relacionamento, da comunicação, do desempenho escolar e futura definição profissional.

A "transformação" de criança para rapazinho ou mocinha deve ser considerada como uma mudança muito importante, pois não só a sexualidade se faz presente, mas também toda uma modificação psicossocial e a formação da personalidade.

Quando o menino, descobre a sua sexualidade, as preocupações da família se concentram na iniciação sexual. Na expectativa sobre se já começou a ter relações com alguma moça ou mulher e paralelamente, no temor de possível envolvimento sexual com outros rapazes, denunciando inclinações homossexuais. Quando se percebe que já começou a

relacionar-se sexualmente, isto é valorizado.

Ocorre o contrário com as moças, quando a menina descobre sua sexualidade, ela deve "evitar" liberdades com o sexo oposto.

A sexualidade na moça é reprimida ou não se dialoga sobre o assunto; ou quando os pais percebem que ela se iniciou sexualmente procuram ignorar o fato, ou cercá-la dos maiores cuidados e avisos das implicações que isto poderá trazer.

Observa-se que o diálogo entre pais e filhos ainda é muito escasso ou em certos casos nenhum. Às vezes por que os pais "não tem tempo" para conversar, ou por que o assunto "sexo" é mobilizador das próprias dificuldades paternas ou porque os pais não tivessem na adolescência, pais que os esclarecessem.

Acredita-se que a situação tenha evoluído e que muitos pais já consigam dialogar sobre a sexualidade da filha, sem transformá-la num tabu ou sem adotarem um falso liberalismo. Também deve ser incluída neste diálogo as possíveis consequências a que a atividade sexual pode levar (gravidez, aborto, doenças sexualmente transmissíveis).

"É importante notar que o adolescente começa a descobrir seu corpo à medida que este se manifesta por uma série de emoções e impulsos novos. Ele, antes criança, voltado mais para o mundo externo, repentinamente é chamado a participar no processo de descoberta de um novo mundo — o seu mundo — e a partir deste, na descoberta do mundo do outro. Quem antes era espectador, passa a protagonista da peça de sua vida. Neste processo, atravessa períodos de exploração, que incluem contatos consigo (masturbação) e com o seu corpo refletido no outro (homossexualismo temporário). Ambas as

práticas indicam uma tentativa de conhecer o novo, no seu próprio corpo, ou no corpo do parceiro do seu próprio sexo e com isto tentar diminuir o impacto do desconhecido. Depois poderão caminhar para a escolha sexual e a definição da sua identidade. Por enquanto precisa armazenar experiências que somente ele poderá realizar."

(Groisman, 1984:12)

O adolescente deve ter sua própria experiência, descobrir seu próprio corpo e seu novo mundo para formação da sua identidade.

Os adolescentes acompanham a evolução do mundo, através da sua música jovem e cabeleiras românticas, abrindo espaços para as suas conquistas, o adolescente traz o novo e provoca alterações. A família, entre surpresa e gratificada, acompanha as novidades. Aceita-as mais por uma pressão externa do que por uma transformação interna. Podendo acarretar problemas pois os pais escondem as suas opiniões e sentimentos e caem num falso liberalismo para não serem considerados "caretas" ou "quadrados", o adolescente pode se sentir perdido e desprotegido, sem limites, e cair em ações, por vezes perigosas, com a finalidade de chamar a atenção dos pais para que eles retomem o seu lugar de protetores e conselheiros, mesmo ao preço de brigas e conflitos. Consideramos os conflitos mais positivos do que a ausência deles.

O contrário também ocorre, os pais que não querem ou não podem aceitar as transformações ocorridas no mundo moderno e querem manter a mesma educação que receberam. Podendo provocar um afastamento dos filhos com atitudes de rebeldia e às vezes abandono do lar.

"Achamos que o sexo dificilmente perderá o seu mistério, e a existência do mistério constitui um fator de atração e de estímulo

para novas descobertas, não são em torno do sexo, mas de toda a vida. Por outro lado, a manutenção de uma cortina misteriosa em torno de um assunto que hoje através dos meios de comunicação é debatido, escrito, publicado e mencionado com naturalidade é de se estranhar. Órgãos governamentais, família, associações de saúde mental, escola não podem mais adiar o estudo, debate e implantação de um programa, não de educação sexual, mas de orientação e esclarecimento sexual. Porque não educação sexual? Porque esta palavra educação pode vir carregada de um modelo, um padrão, uma forma de como o adolescente precisaria se comportar sexualmente. Acreditamos que há mais necessidade de esclarecimento e a forma como cada um vai se organizar fica a critério do próprio adolescente e de sua família. Aliás, a presença dos pais neste tipo de programa é de alta relevância, para que estes pais possam perceber os seus próprios tabus, preconceitos, ignorância e dificuldades de relacionamento sexual "

(Groisman, 1984:16)

Groisman, destaca a importância do assunto "sexo" ser discutido, através de um programa pelo estado, família, escola, de maneira a esclarecer os adolescentes. A forma de atuação será opção de cada um, junto com a família. A presença dos pais é de grande importância pois poderão perceber suas dificuldades para dialogar o assunto.

Como um pai ou uma mãe que tem problemas na esfera sexual vai poder dialogar um(a) filho(a)? Torna-se necessário também cursos e palestras para os profissionais envolvidos com o adolescente — professores, pedagogos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, orientadores edu-

cacionais e outros. Estes também receberam uma carga de informação superficial e insuficiente sobre "sexo", que, mesclada à personalidade do profissional e à sua história de vida, pode prejudicar o relacionamento e o encontro com o adolescente.

As transformações são muitas e ocorrem com muita velocidade em todos os campos e áreas. O adolescente de hoje não é o mesmo de ontem e o de hoje não será o mesmo de amanhã.

O relacionamento sexual, sofreu várias mudanças, principalmente no sentido de ser este cada vez mais frequente entre os adolescentes.

"É importante também frisar a importância cada vez maior que eles colocam nos laços afetivos, como pano de fundo e ligando as pessoas envolvidas no relacionamento. A valorização do amor, tentando evitar que o sexo seja visto apenas como sexo e o parceiro se transforme num mero objeto de prazer, é uma conquista do adolescente e um ensinamento para os adultos. Também o fato dos adolescentes se iniciarem entre si talvez diminua os temores do desconhecimento e o medo do fracasso, já que os dois são novatos e com isto não provocam uma situação de desequilíbrio no casal."

(Groisman, 1984:17)

O autor relata a importância do amor, sentimento, afetividade no relacionamento sexual, evitando ser o sexo visto como simples prova de prazer. Também destaca o relacionamento entre adolescentes, podendo diminuir o medo do fracasso e do desconhecido.

Apesar das conquistas, não podemos esquecer que elas precisam ser sedimentadas e abolidos os muitos preconceitos, supertições e tabus que ainda persistem.

6 CONCLUSÃO

Através do presente trabalho se procurou mostrar, com o apoio de diferentes autores — em sua maioria psicanalistas (Françoise Dolto, Marlene Rodrigues, Helene Deutsch) a necessidade de se disseminar entre os adolescentes informação sobre a sexualidade no âmbito da Escola.

Da reflexão aqui desenvolvida se inferiu que tanto os pais como os profissionais que "trabalham" com adolescentes devem ter uma base de orientação para responder a questionamentos muitas vezes surpreendentes apresentados pelos adolescentes. Tais questionamentos por sua vez, devem ser encarados com naturalidade, pois representam manifestações características desses indivíduos em seu processo de maturação.

Pôde-se constatar que, na atualidade, os adolescentes preferem um relacionamento sexual com jovens da mesma idade — desde o momento da primeira relação que se efetiva entre o rapaz e a moça, e não entre o rapaz e uma "profissional", conforme ocorria no passado. Nesse nível de troca de experiências se destacam o afeto, o carinho, e o amor é considerado especialmente relevante para um bom relacionamento.

Foi possível também demonstrar que, se os adolescentes recebessem o necessário esclarecimento e orientação sexual, não enfrentariam tantas situações problemáticas, tais como gravidez indesejada, aborto (que não raro constitui a causa da mortalidade juvenil); doenças sexualmente transmissíveis, etc. Uma vez bem orientados, os adolescentes, mesmo que a pulsão fosse mais forte do que a

razão, saberiam prevenir-se e evitariam a ocorrência de problemas que muitas vezes podem levar à destruição de certas vidas.

Conclui-se que seria mais do que oportuno incluir a educação sexual no currículo padrão do 1º grau.

ANEXO

O GLOBO: 21/11/93

Aumentam em jovens os casos de gravidez indesejada

WASHINGTON — Melhorias na saúde e na alimentação (que levam os jovens a entrarem mais cedo na puberdade) e casamentos em idade mais avançada (decorrentes da ampliação do acesso à universidade) acabaram ocasionando em um grande número de países em desenvolvimento uma maior atividade sexual entre os adolescentes e, por consequência, a um aumento nos casos de gravidez indesejada. A conclusão é de um estudo realizado pela Federação Internacional de Planejamento Familiar.

Na América Latina, por exemplo, a proporção de casos de gravidez entre adolescentes é de um para cada cinco. Já em algumas partes da África, essa proporção é de um para quatro.

COMO PODEMOS MUDAR ESSA ESTATÍSTICA?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ABERASTURY, Arminda & Colaboradores. *Adolescência*. 4^a Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- 2 ABRAHAM, Karl. *Teoria psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1970.
- 3 CARMICHAEL. *Manual de psicologia da criança*. Organizador: Paul H. Mussen, Coordenador da Ed. Brasileira: Samuel Peromm Netto. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.
- 4 DESSER, Nanete Ávila. *Adolescência, sexualidade e culpa*. Rio de Janeiro: Ed. Rosas dos Ventos Ltda, 1993.
- 5 DEUTSCH, Helene. *Problemas psicológicos da adolescência*. (Com ênfase especial na formação de grupos). 2^a Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- 6 GROISMAN, Moisés & KUSNETZOFF, Juan Carlos. *Adolescência e saúde mental*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1984.

- 7 HERBERT, Martin. *Convivendo com adolescentes*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil S.A., 1991.
- 8 LEDOUX, Michael H. *Introdução a obra de Françoise Dolto*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1991.
- 9 MAYLE, Peter., ROBINS, Arthur & WATER, Paul. *De onde viemos?* São Paulo: Mobel, 1993.
- 10 MEAD, Margaret. *Macho e Fêmea*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1971.
- 11 ORTH, Edgar. *Educação sexual da criança*. Petrópolis - R.J.: Ed. Vozes, 1991.
- 12 RODRIGUES, Marlene. *Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano*. São Paulo: Mc Graw - Hill do Brasil, 1976.